

CHINA UPDATE BRAZIL

CONSELHO
EMPRESARIAL
BRASIL-CHINA
中国-巴西企业家委员会

EDIÇÃO 2 _ ABRIL/MAIO/JUNHO DE 2011

Publicação trimestral, disponível em três idiomas: Português, Inglês e Mandarim



VISITA DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF À CHINA

BALANÇOS 3

CEBC, MRE, MDIC, Apex-Brasil e CNI apresentam balanços da visita presidencial

COMÉRCIO BILATERAL 12

Mudanças expressivas no padrão das relações comerciais entre Brasil e China deverão estar atreladas ao ciclo de investimentos

Por Bradesco

VISÕES DA IMPRENSA 5

Por Cláudia Trevisan

Correspondente do jornal O Estado de S. Paulo em Pequim

Por Liu Tong

Correspondente-chefe da Agência de Notícias Xinhua em Brasília

ENTREVISTAS 7

Embaixador do Brasil na China, Clodoaldo Huguene e Embaixada da China no Brasil

E AINDA

Update Empresarial, Update Institucional, Negócios/Legislação e Radar

PATROCINADORES



A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) tem a missão de promover as exportações de produtos e serviços brasileiros, contribuir para a internacionalização das empresas e atrair investimentos estrangeiros diretos para o Brasil. Instância de formulação estratégica, a Apex-Brasil é uma agência do governo brasileiro vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Atualmente, apoia mais de 13 mil empresas de 80 setores produtivos, por meio de iniciativas realizadas em parceria com entidades setoriais. Além de promover ações como missões prospectivas e comerciais, rodadas de negócios, organizar a participação de empresas brasileiras em grandes feiras internacionais e visitas de compradores estrangeiros e formadores de opinião ao país, a Apex-Brasil produz estudos de inteligência comercial com o objetivo de orientar a atuação estratégica e as decisões das empresas nacionais sobre o ingresso em mercados externos. Além da sede em Brasília, a Agência possui Unidades de Atendimento nos estados brasileiros e Centros de Negócios nos principais mercados globais.



O Banco Bradesco, com presença em todos os municípios do Brasil, apresenta produtos e serviços para diferentes perfis de clientes e também atua com a proposta de suprir as demandas de empresas interessadas em estabelecer e estreitar relações comerciais nos mercados brasileiro e chinês. Para isso, o segmento *Corporate* mantém uma gestão de relacionamento centralizada, oferecendo soluções estruturadas – *Tailor Made* e de Mercado de Capitais – e gerentes especializados em visões de risco, mercado e setores econômicos. Os atendimentos são exclusivos para que as empresas recebam soluções customizadas de acordo com os negócios realizados. Ao mesmo tempo, as Agências e Subsidiárias no Exterior (Nova York, Londres, Grand Cayman, Luxemburgo, Hong Kong, Buenos Aires e México) têm como objetivo a obtenção de recursos no mercado internacional para repasses a clientes, principalmente por meio de financiamento a operações de comércio exterior brasileiro. Para mais informações acesse o site www.bradesco.com.br



Em consonância com os novos desafios do mercado de negócios internacionais, a PwC formou um grupo especializado em auxiliar seus clientes em relação aos principais questionamentos referentes às transações comerciais realizadas entre a China e o Brasil. Por meio do aspecto multicultural de nossos profissionais, associado ao trabalho conjunto dos escritórios da PwC no Brasil e na China, a PwC está preparada para dar suporte aos seus clientes, tanto no que diz respeito às empresas chinesas investindo no Brasil, quanto às empresas multinacionais brasileiras interessadas no mercado chinês. Tal expertise e trabalho conjunto têm, de fato, gerado bons resultados. Em 2010 logramos, com êxito, auxiliar grandes *players* chineses a se estabelecer no Brasil, assegurando o gozo adequado e legal de benefícios locais e outras oportunidades disponíveis no País.

Contatos no Brasil: michela.chin@br.pwc.com e erick.tjong@br.pwc.com
Contatos na China: malcolm.macdonald@cn.pwc.com e edwin.wong@cn.pwc.com.

APOIO:



BALANÇOS

NOVO IMPULSO NAS RELAÇÕES BRASIL-CHINA



Durante a missão da Presidente Dilma Rousseff à China, os dois países deixaram clara sua intenção de ir além da complementaridade de suas economias e avançar em direção a uma relação baseada, sobretudo, na reciprocidade. Os bons resultados da visita começaram com a solução de problemas antigos, como foi o caso da Embraer. A abertura do mercado chinês à carne suína brasileira também significou um avanço importante para o comércio bilateral. Os diferentes encontros entre empresários brasileiros e chineses e, em particular, a reunião entre as duas seções do Conselho Empresarial Brasil-China, permitiram registrar o notável incremento no intercâmbio econômico entre os dois países.

Os anúncios feitos por empresas brasileiras tiveram grande relevância, como o caso da Marfrig, que começará a explorar oportunidades de fornecimento de alimentos e atendimento à crescente demanda das redes de distribuição no mercado chinês, em parceria com a maior fabricante de alimentos da China, a COFCO. Outro destaque foi a venda de vinte e cinco aeronaves da Embraer, assim como a fabricação de jatos executivos na China. O saldo foi, ainda, complementado por uma série de acordos relevantes também firmados em diversas outras áreas.

Entre os projetos de investimentos chineses no Brasil, anunciados por ocasião da visita presidencial, estão a instalação de fábricas e centros de pesquisa no Brasil. O projeto anunciado pela ZTE propõe-se à construção de um parque industrial em Hortolândia (SP). A Huawei, por sua vez, pretende investir na instalação de um centro de pesquisa e desenvolvimento em Campinas e a empresa taiwanesa Foxconn tenciona construir uma fábrica de *displays* digitais no Brasil.

Visitas bilaterais estão sendo agendadas para os próximos meses, nas quais serão detalhadas as iniciativas que tiveram seu ponto de partida na China. O Ministro de Comércio Chen Deming visitou o Brasil em maio, acompanhado de importante delegação de empresários de diversos setores e manteve encontros com o governo brasileiro no âmbito da Subcomissão Econômico-Comercial da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN). Criada durante a visita do Presidente Lula à China, em maio de 2004, a COSBAN é uma instância bilateral de alto nível cujo objetivo é incentivar o contínuo aprofundamento do relacionamento sino-brasileiro. Sua próxima reunião deverá ocorrer no segundo semestre deste ano. É fundamental que o setor privado acompanhe os desdobramentos da visita da Presidente Dilma e dos importantes encontros que se realizarão esse ano, sobretudo, as atividades da COSBAN.

A pesquisa sobre os investimentos chineses no Brasil, realizada pelo CEBC, deixou claro que o Brasil se insere progressivamente na base internacional de fornecimento de recursos naturais à China. No ano passado, foram anunciados cerca de 18 bilhões de dólares de investimentos, dos quais cerca de 12 bilhões já se estão realizando. Em 2011, prosseguem os anúncios de novos investimentos, agora com mais foco em setores industriais e de cunho tecnológico. Progressivamente, a presença chinesa no Brasil poderá se transformar em uma plataforma de exportação para a nossa região.

As conversações entre a Presidente Dilma Rousseff e o Presidente Hu Jintao representaram, assim, um marco significativo do relacionamento bilateral, que trará novo impulso ao intercâmbio ao tempo em que descortinará horizontes de médio prazo para os empresários.

MÚLTIPLOS EVENTOS SÃO PROMOVIDOS NA CHINA

Organizados pelo Itamaraty e o China Development Bank, com apoio da CNI e do MDIC, os eventos empresariais paralelos à visita da Presidenta Dilma Rousseff a Pequim - "Brasil-China: para além da complementaridade. Parceria para benefícios mútuos" - reafirmaram a intenção dos dois países de elevar suas relações econômico-comerciais a um novo patamar. A Presidenta Dilma Rousseff ressaltou a importância de explorar a complementaridade de nossas economias a fim de favorecer uma relação dinâmica, diversificada e equilibrada, bem como de promover um verdadeiro processo de inovação sino-brasileiro.

Nos seminários sobre comércio e investimentos, autoridades e empresários brasileiros e chineses expuseram ideias para dar novo impulso à parceria estratégica estabelecida entre os dois países. O Secretário-Executivo do Ministério da Fazenda, Nelson Barbosa, mencionou a importância atribuída pelo governo brasileiro à diversificação das exportações brasileiras, com investimentos estrangeiros em manufaturas e aumento do valor agregado no processamento nacional. Segundo o Ministro do Comércio chinês, Chen Deming, aprofundar o entendimento do crescente mercado chinês, de sua cultura de consumo, hábitos e tendências, a fim de desenvolver estratégias de *marketing* focadas, contribuiria significativamente à diversificação das exportações brasileiras. Por sua vez, o presidente da CNI, Robson Andrade, apresentou diversos setores de ponta da indústria brasileira e sugeriu parcerias com o empresariado chinês para aproveitar oportunidades de negócios nos dois países. De forma criativa, a mostra audiovisual "Brasil: Faces do Desenvolvimento" apresentou o alto teor tecnológico da produção brasileira, com maquete de avião da Embraer, motor flexfuel da Volkswagen e usina virtual da União da Indústria de Cana-de-açúcar.

Por meio da iniciativa inédita em missão presidencial à China de oferecer almoço com produtos genuinamente brasileiros, autoridades e empresários chineses puderam apreciar picanha, coxa de frango com cachaça e molho de mel, farinha de mandioca torrada e



Ministério das Relações Exteriores
Subsecretaria-Geral de Cooperação, Cultura e Promoção Comercial
Departamento de Promoção Comercial e Investimentos

goiabada com queijo, promovendo marcas brasileiras de alimentos processados. Foram servidos, igualmente, vinho, espumante e sucos do Brasil. O evento rendeu negociações concretas, como a dos grupos Marfrig e JBS com a rede internacional de hotel Shangri-la e a da Forno de Minas com a rede hoteleira internacional "Sherwood Hotels". O Ministro da Agricultura, Wagner Rossi, destacou o interesse brasileiro em investimentos estrangeiros em transporte, armazenamento, abrigo, parcerias e *joint-ventures*. Da parte chinesa, o Vice-Ministro da Agricultura, Wei Chaoan, sugeriu ampliar a pauta do agronegócio e promover o comércio direto, sem intermediários, para diminuir o custo, ressaltando o interesse chinês em impulsionar investimentos bilaterais e parcerias na produção, beneficiamento e comercialização de produtos agropecuários.

No contexto de crescimento da economia brasileira, o Presidente do BNDES, Luciano Coutinho, destacou os setores de petróleo, gás, energia elétrica, logística, habitação, saneamento e agronegócio, com destaque para os projetos do PAC 2, com investimentos esperados de quase US\$ 1 trilhão, sobretudo em mobilidade urbana, no trem de alta velocidade e nos eventos da Copa do Mundo e das Olimpíadas. O Diretor-Geral da Administração Nacional de Energia na China, Liu Tienan, discorreu sobre a dimensão energética do 12º Plano Quinquenal, que prevê vultosos investimentos em energias renováveis, destacando oportunidades comuns a empresas brasileiras e chinesas, e o Presidente da chinesa State Grid, 7ª maior empresa do setor de energia no mundo, manifestou interesse em poder aprofundar parcerias com empresas brasileiras. No setor de Tecnologia da Informação (TI), o Presidente da Associação Brasileira das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (BRASSCOM), Antonio Gil, destacou áreas de excelência da tecnologia da informação no Brasil, que devem dobrar de tamanho em proporção do PIB até 2020.

A presença de autoridades de altíssimo nível e de importantes empresários dos dois países nos eventos realizados em Pequim conferiu significativa relevância às intenções sino-brasileiras de elevar

as relações econômico-comerciais a novo patamar. De fato, importantes questões foram destravadas, como a venda de aeronaves e a fabricação de jatos da Embraer na China e os investimentos na in-

dústria de alto valor agregado no Brasil, anunciados pela ZTE, Huawei e Foxconn. De agora em diante, o foco será dar continuidade às negociações e consolidar resultados.

NOVAS PARCERIAS ENTRE AGÊNCIAS GOVERNAMENTAIS BRASILEIRAS E CHINESAS

Brasil e China fecharam o primeiro quadrimestre de 2011 com uma corrente de comércio de US\$ 20,4 bilhões. O valor é 45% maior que o do mesmo período de 2010 e confirma o país como nosso principal parceiro comercial, motivando uma série de ações governamentais e empresariais em busca do incremento desse intercâmbio.

No início de março deste ano, dentro da programação da viagem preparatória à visita da Presidente Dilma Rousseff, o Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel, esteve em Pequim e reuniu-se com o Primeiro-Ministro chinês, Wen Jiabao. Outro encontro foi com o Presidente do Banco do Desenvolvimento da República Popular da China, Chen Yuan, que pediu apoio do governo brasileiro para a abertura de um escritório de representação do banco no Rio de Janeiro.

De 11 a 15 de abril, foi a vez da Presidente da República, Dilma Rousseff, visitar a China, tendo o Ministro Fernando Pimentel como

Ministério do
Desenvolvimento, Indústria
e Comércio Exterior

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

integrante do grupo. Durante a viagem, foram anunciadas conquistas importantes como os acordos que servirão como base para expansão de novos investimentos de promoção das exportações brasileiras à China. Podemos destacar a parceria entre o Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Inmetro) e o Instituto Nacional de Metrologia da China (NIM) para adaptação e trabalho conjunto de harmonização.

Em paralelo à viagem da Presidente, o MDIC e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), com apoio do Ministério das Relações Exteriores, organizaram uma missão comercial a Hong Kong e Pequim, de 7 a 12 de abril.

O resultado geral dessas ações do governo brasileiro foi extremamente positivo, mas os esforços e o interesse brasileiro em aumentar a parceria comercial com a China continuam.

APEX: NOVAS OPORTUNIDADES DE EXPORTAÇÕES

As mais de 40 empresas e entidades setoriais brasileiras integrantes da missão empresarial a Hong Kong e Pequim estimaram exportações de US\$ 120 milhões para os próximos 12 meses. Participaram da ação empresários, representantes de entidades, comerciais exportadoras e *tradings* dos complexos de agronegócios (café, carnes, sucos, alimentos industrializados e vinhos) e moda (indústria têxtil e confecções, calçados, componentes para calçados e joias).

Na área de investimentos, foram divulgados projetos nos setores de TI e alimentos. Entre os destaques, estão investimentos chineses de US\$ 350 milhões em uma planta de processamento de óleo de soja na Bahia e de cerca de US\$ 300 milhões na construção de uma planta para produção de equipamentos de TI em Goiás. Os dois aportes de recursos foram feitos com apoio do Centro de Negócios da Apex-Brasil em Pequim.

Em Hong Kong, entre os dias 7 e 9 de abril, a comitiva brasileira participou de rodadas de negócios com potenciais compradores chineses e empresas com sede em países do sudeste asiático (Tailândia, Vietnã, Cingapura, Indonésia e Malásia). As entidades conheceram o *Hong Kong Trade and Development Council (HKTDCC)* e fizeram visitas técnicas ao porto de Hong Kong, um dos mais importantes do mundo.

Já em Pequim, os empresários brasileiros tiveram a oportunidade de visitar o Centro de Negócios da Apex-Brasil na China, onde assistiram a uma apresentação de João Lemos, Gerente Geral da Embraco na China. Na segunda-feira, 11 de abril, a comitiva teve rodadas de negócios com chineses. E, no dia 12 de abril, o último da Missão com agenda organizada por Apex-Brasil e MDIC, as empresas se integraram à missão do MRE/CNI.

ApexBrasil
AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS

O POTENCIAL DE DIVERSIFICAÇÃO DA PAUTA DE EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

A visita presidencial à China foi uma oportunidade de conhecimento do potencial do relacionamento industrial entre os dois países e de identificação de futuros negócios bilaterais. A missão reuniu 309 participantes de 183 empresas de diversos segmentos.

O foco da ação da CNI foi mostrar a capacidade da indústria brasileira, o seu grau de diversificação e sua capacidade de inovação. Um dos pontos centrais da agenda empresarial na China foi demonstrar o potencial para a diversificação da pauta exportadora brasileira.

O processo de crescimento e diversificação da produção industrial

chinesa trouxe oportunidades para alguns setores produtivos no Brasil, mas introduziu grandes desafios para a maioria dos setores industriais brasileiros, que viram afetadas suas posições nos mercados externos e no mercado doméstico.

Vale ressaltar ainda a assinatura de Memorando de Entendimento entre as entidades empresariais que compõem os cinco países dos BRICS. O documento aponta como prioridades dos BRICS a garantia de recuperação estável da economia mundial e o desenvolvimento sustentável. No Brasil, a CNI será a entidade responsável pela coordenação da participação empresarial no Fórum Empresarial dos BRICS.

CNI

BRICS

O Diretor de Relações Industriais e Institucionais da FIESC, Henry Uliano Quaresma, que acompanhou a missão presidencial acredita que “começa a avançar uma alternativa importante para economia brasileira. Brasil, China, Rússia, Índia e, agora, também a África do Sul começam a tratar os seus mercados, os chamados BRICS, como oportunidade de desenvolvimento e incremento do comércio. Além disso, o indicativo de que esse grupo de países quer atuar de forma conjunta e sinérgica representa um relevante potencial para as empresas brasileiras”.

VISÕES DA IMPRENSA

POR CLÁUDIA TREVISAN, CORRESPONDENTE DO O ESTADO DE S.PAULO EM PEQUIM

A visita da Presidente Dilma Rousseff à China parece ter indicado que o Brasil começará a pautar o relacionamento com seu maior parceiro comercial pelos princípios do realismo e da reciprocidade. Em seus pronunciamentos, a Presidente repetiu que as empresas chinesas terão no Brasil o mesmo tratamento que as brasileiras recebem na China.

Ainda não está claro o que isso significará, mas o Brasil pode se inspirar na forte política industrial de Pequim para tirar o máximo proveito da explosão de investimentos chineses no país. O Partido Comunista abriu os braços para o capital estrangeiro, mas direcionou os investimentos, exigiu transferência de tecnologia e impôs associações com parceiros locais nas áreas vistas como estratégicas.

Para citar um exemplo, 30 anos depois do início do processo de reforma e abertura, as montadoras de veículos europeias, americanas, japonesas e coreanas continuam obrigadas a manter *joint-ventures* com marcas chinesas, que possuem suas próprias aspirações de se transformar em companhias globais e competir com seus atuais sócios.

A China é uma potência que não se parece com nenhuma outra que o mundo conheceu nos últimos dois séculos e exige uma estratégia particular, que grande parte dos países se debate em construir. O antigo Império do Meio está totalmente integrado à economia global, possui o segundo maior PIB do mundo e lidera o *ranking* dos exportadores. Ao mesmo tempo, o Estado ocupa um papel central no comando da economia e controla quase todas as grandes companhias do país – das 46 que aparecem na Global 500 da Fortune, só seis são privadas e, destas, quatro têm sede em Hong Kong.

O comércio bilateral é o terreno no qual o realismo parece inescapável. A segurança alimentar e energética está no topo das preocupações dos líderes de Pequim e a China continuará a se urbanizar rapidamente nos próximos anos, com 300 milhões de pessoas trocando o campo pela cidade até 2020. Isso significa que se manterá em alta a demanda do país por minério de ferro, soja e petróleo, os três produtos que responderam no ano passado por 80% dos embarques brasileiros para a China.

Diante do avassalador predomínio das *commodities*, o Brasil tenta diversificar as exportações e aumentar o valor agregado do que vende à China e este foi um dos principais temas da visita da Presidente ao país asiático. A tarefa parece inglória, se forem considerados todos os fatores que garantem a competitividade dos produtos chineses – câmbio desvalorizado, baixa taxa de juros, amena carga tributária, ótima infraestrutura e mão de obra barata.

Mas a China é um país de 1,34 bilhões de habitantes, que enriquece e se transforma em velocidade recorde. Todos os mitos sobre padrões de consumo chineses estão sendo desconstruídos. “Eles não tomam café” é uma afirmação que não se sustenta diante da profusão de lojas da rede Starbucks, que tem sua bandeira em 400 locais, número que deverá subir a 1.500 até 2015. Os chineses tomam cada vez mais café e pagam US\$ 2,80 por um espresso duplo, o suficiente para comprar uma refeição em qualquer restaurante popular do país.

“

TODOS OS MITOS SOBRE PADRÕES DE CONSUMO CHINESES ESTÃO SENDO DESCONSTRUÍDOS”.

A mesma mudança ocorre em relação a carnes, lácteos, bebidas, artigos de luxo, cultura e viagens. A China já é o maior mercado para vinhos Bordeaux fora da Europa e os concorrentes de nossos vizinhos da Argentina e do Chile estão nas cartas dos restaurantes e nas prateleiras dos supermercados.

Políticas públicas podem ajudar, mas a diversificação das exportações depende, em grande parte, da disposição do setor privado de identificar potencial demanda por seus produtos no país mais populoso do mundo e traçar estratégias para conquistar uma fatia dela.

E, se é difícil vender na China, é possível tentar aumentar a quantidade de chineses que compram no Brasil. Segundo estudo do banco UBS, os chineses ultrapassaram os britânicos e assumiram, no ano passado, a terceira posição entre os turistas que mais deixaram dinheiro fora de suas fronteiras, atrás apenas de Alemanha e Estados Unidos.

Foram US\$ 55 bilhões, o equivalente a 1,8 vezes as exportações do Brasil para o país asiático no mesmo período, que somaram US\$ 30,8 bilhões. Os autores do estudo sustentam que a cifra poderá alcançar US\$ 190 bilhões em 2015, o que colocaria os chineses no topo do *ranking* dos turistas que mais gastam no mundo. Com a Copa do Mundo e Olimpíadas parece razoável esperar mais visitantes do antigo Império do Meio, ainda que muitos digam que chinês não gosta de sol e de praia. Será?

“

A DIVERSIFICAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DEPENDE, EM GRANDE PARTE, DA DISPOSIÇÃO DO SETOR PRIVADO DE IDENTIFICAR POTENCIAL DEMANDA POR SEUS PRODUTOS NO PAÍS MAIS POPULOSO DO MUNDO E TRAÇAR ESTRATÉGIAS PARA CONQUISTAR UMA FATIA DELA”.

POR LIU TONG, CORRESPONDENTE-CHEFE DA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS XINHUA EM BRASÍLIA

A visita de Estado da Presidenta Dilma Rousseff à China, em abril, confirmou os sólidos fundamentos da aliança estratégica entre os dois países e marcou o início de uma nova fase da relação bilateral, mais ampla e mais profunda.

Ambos os governos coincidiram num balanço altamente positivo dos acordos alcançados que, nas palavras da líder brasileira, representam um “salto de qualidade” nos vínculos bilaterais, tanto em nível político como econômico e comercial.

O comunicado conjunto assinado pelo Presidente Hu Jintao e a Presidenta Rousseff reafirmou o “amplo consenso” dos governos em assuntos que vão desde comércio até a governança global e abriu um rico quadro de perspectivas para a relação nas áreas mais diversas.

A multiplicidade de questões relevantes refletidas no comunicado é uma consequência natural do rápido crescimento do intercâmbio entre os dois países, que passou de 2 bilhões de dólares, no ano 2000, para 56 bilhões de dólares, em 2010, um impressionante aumento de 26 vezes em apenas uma década.

Nesse contexto, o governo brasileiro expressou seu interesse em diversificar a pauta exportadora para a China, incorporando produtos de maior valor agregado, uma demanda que o Primeiro-Ministro Wen Jiabao disse ser “bem-vinda”, convidando a explorar as múltiplas potencialidades da relação comercial.

Merece uma menção especial o chamado dos Presidentes, que se comprometeram a encorajar as parcerias entre empresas dos dois países, a aprofundar a confiança estratégica no âmbito dos negócios e a expandir os contatos pessoais e culturais, considerando que o diálogo empresarial é de vital importância para o desenvolvimento do comércio.

Ao mesmo tempo, o governo chinês propôs aproveitar as riquezas dos dois países em energia, finanças e infraestrutura, expandindo a cooperação em pesquisa e desenvolvimento de tecnologia aeroespacial, tecnologia da informação, nanotecnologia, biotecnologia e energias alternativas.

A China sugeriu também um trabalho conjunto para impulsionar a cooperação Sul-Sul, ajudando outros países em desenvolvimento na

promoção do comércio e reafirmando sua oposição a toda forma de protecionismo.

No plano dos investimentos, o resultado da visita não poderia ter sido mais promissor, com os anúncios de várias empresas chinesas de que irão implantar unidades produtivas no Brasil, desde o setor de automóveis até produtos de alta tecnologia, que vão gerar milhares de empregos para os cidadãos brasileiros.

De volta da sua viagem, a Presidente afirmou que o governo brasileiro atingiu seus principais objetivos, destacando a disposição favorável da China para abrir suas portas a produtos brasileiros mais elaborados e ao trabalho em comum em áreas importantes como a de Ciência e Tecnologia.

A aliança estratégica sino-brasileira teve início em 1993, quando o Brasil se tornou o primeiro país em desenvolvimento a estabelecer esse nível de relacionamento com a China. Desde então, o mundo passou por mudanças significativas e os dois países realizaram esforços contínuos para elevar o nível de vida de suas populações e superar obstáculos para seu desenvolvimento econômico, com importantes avanços em todas as áreas.

A recente crise financeira internacional demonstrou que China e Brasil têm um papel fundamental para a recuperação da economia mundial. Sua estreita cooperação na busca de soluções para os grandes desafios do mundo atual representa um pilar na promoção da paz e da estabilidade e para o estabelecimento de uma ordem internacional mais justa e igualitária.

O encontro entre a Presidenta Dilma Rousseff e o Presidente Hu Jintao foi um encontro de dois líderes de países que ganharam o direito de discutir de igual para igual com as nações mais poderosas do planeta. Além disso, a relação entre Brasil e China deixou de ter importância apenas bilateral e passou a ter um papel global.

A nova fase da relação China-Brasil, fundamentada nos princípios de respeito mútuo, igualdade e benefício recíproco, abre um universo de oportunidades para alavancar o caminho da prosperidade e o desenvolvimento sustentável, em função do bem-estar de ambos os povos.

“

O GOVERNO CHINÊS PROPÔS APROVEITAR AS RIQUEZAS DOS DOIS PAÍSES EM ENERGIA, FINANÇAS E INFRAESTRUTURA, EXPANDINDO A COOPERAÇÃO EM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIA AEROESPACIAL, TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, NANOTECNOLOGIA, BIOTECNOLOGIA E ENERGIAS ALTERNATIVAS”.



ENTREVISTA COM EMBAIXADOR DO BRASIL NA CHINA, CLODOALDO HUGUENY

Como o senhor vê as perspectivas de cooperação científico-tecnológica entre Brasil e China, sobretudo após o recente encontro entre os dois Presidentes?

A área de ciência, tecnologia e inovação desponta com grande potencial entre Brasil e China. Os dois países já vêm cooperando há mais de vinte anos no setor espacial, numa iniciativa única entre países em desenvolvimento, na construção de satélites de sensoriamento remoto. A visita presidencial foi marcada pelo renovado impulso à cooperação bilateral nesse campo, com a realização da primeira edição do “Diálogo de Alto Nível Brasil-China sobre C,T&I”, durante o qual foram discutidos temas centrais: políticas de inovação, tecnologia agrícola e segurança alimentar, nanociências e nanotecnologias, energias renováveis, tecnologias da informação e das comunicações (TICs) e ciências espaciais. Brasil e China têm logrado alcançar avanços concretos. Durante a visita presidencial, ocorreu a inauguração do laboratório conjunto (Labex-China) entre a EMBRAPA e três Academias chinesas (a CAAS-Academia de Ciências Agrárias da China; a CAS-Academia de Ciências da China; e a CATAS-Academia de Ciências Agrárias Tropicais da China). Também por ocasião da visita presidencial, foi assinado memorando que estabelece a criação do Centro Brasil-China de Pesquisa e Inovação em Nanotecnologia; ampliaram-se, ainda, os campos da cooperação, incluindo tecnologia de bambu, tecnologias da informação e comunicação, recursos hídricos, tecnologias de energias renováveis e ciências espaciais.

O governo brasileiro deseja fortalecer os investimentos industriais chineses no Brasil, bem como os investimentos brasileiros na China. Como o senhor vê essa questão?

O rápido crescimento dos investimentos chineses no Brasil decorre da política de internacionalização de suas empresas e do desempenho positivo da economia brasileira nos últimos anos. Aos investimentos de alto valor e concentrados em poucas operações, nos setores de energia e recursos naturais, vêm agora juntar-se projetos significativos em setores de máquinas para construção, automobilístico e telecomunicações, além de serviços de transmissão de eletricidade e bancos. Temos estimulado novos investimentos em setores industriais, com maior agregação de valor à produção, especialmente quando envolvem parcerias com empresas brasileiras, uso de cadeias produtivas locais, transferências de tecnologia e pesquisa de ponta. No outro sentido, conforme assinalou a Presidenta Dilma Rousseff em seu discurso para a classe empresarial em Pequim, há que considerar a necessária reciprocidade para os investimentos brasileiros na China, alguns dos quais encontram dificuldades para obter autorizações. A Embaixada tem trabalhado junto ao governo chinês para que as empresas brasileiras com projetos concretos na China sejam bem sucedidas, como no caso da Embraer e da Marcopolo. É importante que mais empresas brasileiras se disponham a participar da expansão do mercado chinês. Estamos nos articulando com outros órgãos do governo e agentes do setor privado para que isso se torne realidade.



É comum afirmar que Brasil e China são países com economias cada vez mais complementares. No Brasil, contudo, muitos creem que esta complementaridade deve evoluir para uma troca mais intensa de produtos manufaturados entre os dois países. O senhor crê que as visitas sequenciais nos últimos anos envolvendo Presidentes e Vice-Presidentes poderão contribuir para uma maior diversificação das exportações brasileiras?

Sem dúvida nenhuma a projeção conferida às relações bilaterais pelas visitas presidenciais e as oportunidades criadas por essas visitas que, inclusive, têm incorporado uma forte dimensão empresarial, têm sido fator decisivo para a expansão do comércio e dos investimentos e para a correção dos desequilíbrios presentes nessa rápida expansão. A recente visita da Presidenta Dilma Rousseff à China teve como um de seus pontos centrais dar um salto qualitativo nas relações bilaterais, o que inclui avanços concretos em diversas áreas, em particular a diversificação da pauta de exportações brasileiras para a China. A resposta chinesa foi positiva, tanto através de gestos específicos, como no caso dos aviões da Embraer e das carnes, como pelo apoio a iniciativas que visam a mudar a pauta de exportações do Brasil, com a inclusão de produtos industriais de maior valor agregado. A visita do Ministro Chen Deming ao Brasil e a realização da reunião da Subcomissão Econômico-Comercial e de seus grupos de trabalho, em maio, revelam o desejo do governo chinês de dar sequência aos acordos alcançados durante a visita presidencial. Nos próximos meses, trataremos de consolidar o salto qualitativo, mediante a implementação de diálogo franco nas diversas áreas de cooperação, culminando com a realização da II Reunião da Comissão Sino-Brasileira de Concertação e Coordenação – a COSBAN, no segundo semestre, para resolver os problemas comerciais de forma a contemplar os interesses dos diversos setores do empresariado brasileiro.

ENTREVISTA COM ZHU QINGQIAO, DA EMBAIXADA DA CHINA NO BRASIL



EMBAIXADA DA REPÚBLICA
POPULAR DA CHINA NO BRASIL

Nos últimos anos, com o desenvolvimento acelerado das relações sino-brasileiras, destaca-se a importância e o aprofundamento da cooperação científico-tecnológica entre ambos países. Além das áreas tradicionais como satélite, avião e agrociência, estreita-se mais a relação com a assinatura de uma série de acordos na telecomunicação, nanotecnologia, bambu, etc., durante a visita da Presidente Dilma Rousseff à China. Com perspectivas positivas, a cooperação científico-tecnológica entre China e Brasil vai ser cada dia mais intensificada e diversificada.

É sabido que há diferenças significativas em relação à quantidade de engenheiros formados no Brasil e na China. No Brasil, inclusive, estudos recentes falam de déficit de engenheiros. A grande quantidade de engenheiros formados anualmente é uma das vantagens comparativas da China?

No 12º Plano Quinquenal da China, destaca-se a transformação do modelo de desenvolvimento econômico e a obtenção dos avanços científicos e tecnológicos para conseguir qualidade e eficácia na economia. Os recursos humanos especificados, com conhecimentos científico-tecnológicos, são um motor para o crescimento econômico, no qual, os engenheiros desempenham uma parte importante. A China valoriza a formação de engenheiros e continuará aperfeiçoando a qualidade de ensino para atender às necessidades do desenvolvimento econômico.

O governo brasileiro deseja fortalecer os investimentos industriais chineses no Brasil, bem como os investimentos brasileiros na China. Como o senhor vê essa questão?

A cooperação de investimentos constitui parte importante das relações econômico-comerciais entre a China e o Brasil. Nos últimos anos, a cooperação econômico-comercial China-Brasil, impulsionada ativamente por líderes, autoridades de alto nível e empresários dos dois países, tem se desenvolvido vigorosamente e os investimentos mútuos têm aumentado. Até o final de 2010, o valor real dos investimentos chineses no Brasil chegou a 9,08 bilhões de dólares americanos. Empresas chinesas estão com alto entusiasmo para investir no Brasil.

Sendo respectivamente as maiores economias na Ásia e na América Latina, as economias da China e do Brasil estão se desenvolvendo de forma contínua, estável e rápida. Atualmente, a China está ampliando a abertura ao exterior e, ao mesmo tempo, dedicando-se à ampliação do consumo interno. O Brasil está se preparando para sediar os Jogos da Copa Mundial 2014 e os Jogos Olímpicos 2016. Os dois países enfrentam oportunidades importantes para a cooperação econômico-comercial e investimentos mútuos.

O Governo chinês encoraja empresas chinesas a investir no Brasil e dá boas-vindas aos investimentos brasileiros na China. A parte chinesa está disposta a fazer esforços, junto com a parte brasileira, para prestar forte apoio e mais facilidades a investimentos mútuos, explorar plenamente vantagens de complementaridade na área de investimentos e fortalecer amplamente a cooperação econômico-comercial dos dois países.

É comum afirmar que Brasil e China são países com economias cada vez mais complementares. O senhor acha que as visitas sequenciais, nos últimos anos, de Presidentes e Vice-Presidentes são prova disso?

Nos últimos anos, as relações sino-brasileiras têm se desenvolvido rapidamente em todas as áreas. As duas partes mantêm intercâmbios frequentes de alto nível e a confiança política recíproca vem se aprofundando. No ano 2009, o Presidente Lula executou com sucesso sua segunda visita de Estado à China. Em abril do ano 2010, o Presidente Hu Jintao visitou o Brasil pela segunda vez, e na ocasião, foi assinado o Plano de Ação Conjunta 2010-2014. Em abril do ano corrente, a Presidente Dilma realizou sua primeira visita de Estado à China, o que mostra plenamente a atenção dada pelo governo brasileiro para o desenvolvimento das relações sino-brasileiras. O intercâmbio frequente entre os Chefes de Estado dos dois países promove fortemente a cooperação bilateral em diversos campos, tais como político, econômico e cultural e enriquece o conteúdo das relações estratégicas sino-brasileiras.

A cooperação econômica e comercial entre os dois países também se desenvolve rapidamente. Atualmente, o Brasil é o maior parceiro comercial da China na América Latina. Por sua vez, a China é o maior parceiro comercial, o maior mercado de destino e o segundo maior exportador do Brasil, bem como o principal país de origem do superávit comercial brasileiro. A China importa do Brasil minério de ferro, soja, petróleo, aviões, etc., e exporta para o Brasil produtos de que precisa para seu desenvolvimento econômico, como máquinas, equipamentos e peças de reposição. As vantagens de preço destes produtos chineses se transformam nas vantagens da indústria brasileira e reforça a competitividade brasileira nos mercados doméstico e internacional. Com base em benefício mútuo e ganhos compartilhados, a cooperação econômica e comercial bilateral traz benefícios tangíveis para ambas as partes.

Hoje em dia, tanto a China como o Brasil estão numa fase importante do desenvolvimento. A cooperação econômica e comercial sino-brasileira conta com bastante oportunidades e amplas perspectivas. Acredito que, através dos esforços conjuntos dos governos e empresas das duas partes, a cooperação econômica e comercial bilateral vai alcançar constantemente novos patamares.

Zhu Qingqiao é Encarregado dos Negócios da Embaixada da China no Brasil

CARTA DA SEÇÃO CHINESA DO CEBC

Foi uma grande honra receber os membros das empresas brasileiras e amigos das mais diversas áreas, juntamente com o nosso Presidente Honorário Miao Gengshu, em Pequim, no último mês de abril.

Este mês foi, de fato, muito importante para a China, o Brasil e também para o Conselho Empresarial Brasil-China. A Presidente Dilma Rousseff fez sua primeira visita de estado à China e o CEBC realizou com sucesso o encontro “Um futuro promissor para as relações econômicas bilaterais”, em comemoração aos sete anos de sua existência, que reuniu os associados das duas seções.

Com a bem sucedida visita da Presidente Dilma, China e Brasil continuarão a aprofundar a cooperação pragmática. Uma nova oportunidade de desenvolvimento deve se abrir para a cooperação empresarial entre os dois países. O CEBC irá apoiar a implementação do Plano de Ação Conjunta Brasil-China em 2011, a fim de promover o aprofundamento das relações em termos de comércio e investimentos. Para isso, o Conselho buscará estimular e apoiar a realização de visitas de alto nível bilaterais e a diversificação da pauta de comércio e realizará reunião anual entre as empresas associadas das duas seções nacionais.

Acredito fortemente na reciprocidade entre os governos de ambos os países, que terá sempre o apoio do CEBC. Não há dúvidas de que as empresas chinesas e brasileiras irão fortalecer a cooperação e promover relações bilaterais econômicas e de comércio mais intensas.



Liu Mingzhong

Presidente da Seção Chinesa do CEBC

UPDATE EMPRESARIAL

ANÚNCIOS REALIZADOS DURANTE A VISITA DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF À CHINA

EMBRAER FABRICARÁ JATOS EXECUTIVOS NA CHINA

A Embraer estabeleceu, durante a visita presidencial à China, acordo para fabricação de jatos executivos no país asiático. A fábrica da Embraer na cidade de Harbin será, em breve, adaptada para construir jatos do modelo Legacy. A Embraer estima que haverá uma demanda de 500 a 600 jatos executivos na China nos próximos dez anos. Outro anúncio importante realizado pela empresa durante a visita foi a venda de 25 aviões do modelo E-190, com capacidade para 114 passageiros, para a China Southern Airlines. O negócio dá continuidade à compra inicial, feita no início deste ano, quando a empresa chinesa encomendou 10 aviões do mesmo modelo. Além disso, uma carta de intenções para um terceiro lote de 10 aeronaves também foi assinada, que, caso confirmada, totalizará 30 aeronaves e representará um montante de US\$ 1,25 bilhão. A China Southern Airlines, maior companhia aérea do país e a terceira do mundo, começará a receber os aviões no segundo semestre deste ano. “Os novos jatos serão operados em Xinjiang para acelerar o desenvolvimento econômico regional. O negócio reforça a parceria entre a China Southern e a Embraer”, disse Xu Jiebo, Vice-Presidente da China Southern Airlines. Além da venda para a China Southern, também foi assinado, na China, contrato com a Hebei Airlines para a aquisição de 10 aviões E-190, com primeira entrega programada para setembro de 2012.

HUAWEI ANUNCIA INVESTIMENTO DE US\$ 350 MILHÕES PARA CONSTRUÇÃO DE CENTRO DE PESQUISA

No primeiro dia de visita da Presidente Dilma Rousseff à China, o Presidente mundial da Huawei, Ren Zhengfei, anunciou o investimento de US\$ 350 milhões para a construção de um centro de pesquisa em tecnologia, na cidade de Campinas, em São Paulo, e a doação de US\$ 50 milhões em equipamentos de computação, soluções de telecomunicações e *cloud computing*, para universidades brasileiras. A empresa chinesa atua no Brasil desde 1999, com foco nas áreas de tecnologia 3G, banda larga fixa e móvel e infraestrutura de redes para operadoras de telefonia.

BANCO DO BRASIL ABRIRÁ A PRIMEIRA AGÊNCIA NA CHINA

O Banco do Brasil anunciou, durante a visita presidencial em Pequim, a abertura de sua primeira agência na China. A agência, que será a primeira de um banco latino-americano no continente asiático, deve entrar em operação dentro de um ano. O foco prioritário será o atendimento às empresas brasileiras instaladas na China e empresas estrangeiras que queiram investir no país. Além disso, o Banco buscará atrair mais investimentos para o Brasil e apoiar as empresas brasileiras na exploração do mercado interno chinês, oferecendo produtos e serviços de *Trade Finance*. Também será oferecido à comunidade brasileira na China um portfólio de serviços que englobará abertura de conta, empréstimos e remessa de recursos. Por fim, o BB também pretende apoiar os investimentos de empresas chinesas no Brasil.

FOXCONN PRETENDE INVESTIR NO ESTADO DE SÃO PAULO

Representantes da Apple confirmaram a produção, no Estado de São Paulo, de iPhones e iPads e, posteriormente, a montagem de notebooks com a Foxconn. A instalação da Foxconn no Brasil gerará de 4 mil a 5 mil novos postos de trabalho, no período de 3 a 4 anos, e a empresa juntamente com o Governo do Estado já preparam cursos de formação e capacitação da mão de obra para a linha de montagem. Além disto, a empresa estuda a possibilidade de instalação de uma fábrica de telas de cristal líquido, com previsão entre 5 e 6 anos, com um investimento de possíveis US\$ 3 a 7 bilhões, e a unificação das plantas brasileiras em uma única instalação.

ZTE CONFIRMA INVESTIMENTO DE US\$ 200 MILHÕES EM CENTRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO

A empresa chinesa de telecomunicações ZTE Corporation confirmou investimento de US\$ 200 milhões na construção de um pólo em Hortolândia (SP). Ele será o primeiro centro de pesquisa e desenvolvimento da ZTE na América Latina e reunirá uma fábrica, call center, centro de treinamento e de distribuição logística. Os investimentos devem gerar cerca de 2 mil empregos no Brasil. A ZTE é fabricante de equipamentos de telecomunicações como os de tecnologia 3G, 4G e soluções de redes, além de celulares e modems. Entre os interesses da companhia no Brasil, está a participação no Plano Nacional de Banda Larga.

MARFRIG ANUNCIA DUAS JOINT-VENTURES NA CHINA

A Marfrig Alimentos S.A. constituirá, por intermédio de sua subsidiária na China, Keystone Foods, duas joint-ventures com o objetivo de explorar as oportunidades de fornecimento de alimentos e atender à crescente demanda de distribuição no mercado chinês. Uma delas, a COFCO Keystone Foods Supply Chain, terá foco na logística e distribuição de alimentos na China. A COFCO é o maior fabricante de alimentos da China e líder em importação e exportação de grãos, óleos e alimentos. O projeto, com entrada em operação prevista para

2012, prevê a construção de seis centros de distribuição, frota de transportes e plataforma de tecnologia de informação de suporte em cidades estratégicas da China. O investimento total previsto é de US\$ 252 milhões ao longo de 10 anos. A outra, Keystone-Chinwhiz Poultry Vertical Integration, concentrará suas atividades no fornecimento de produtos industrializados. A joint-venture terá capacidade para processamento de 200 mil aves por dia.

BNDES ASSINA ACORDO COM BANCOS DE DESENVOLVIMENTO DOS BRICS

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) assinou, em Sanya, na China, durante a III Cúpula dos Chefes de Estado e de Governo dos BRICS, acordo para estabelecimento de cooperações entre os bancos de desenvolvimento da China, Índia, Rússia e África do Sul. Na ocasião, também foi firmado protocolo de acesso que formaliza a adesão do banco de desenvolvimento da África do Sul ao grupo. O acordo de cooperação terá prazo de vigência de cinco anos e prevê o fortalecimento da cooperação entre as instituições signatárias e o desenvolvimento do relacionamento econômico e comercial entre os países dos BRICS. Para isso, os bancos pretendem identificar oportunidades para efetiva atuação conjunta e correspondentes mecanismos financeiros e operacionais que facilitem o apoio a projetos de interesse comum.

ELETOBRAS E STATE GRID ASSINAM MEMORANDO DE ENTENDIMENTO

A Eletrobras anunciou parceria com a estatal chinesa State Grid Corporation. A empresa brasileira assinou um memorando de entendimento para compartilhar experiências gerenciais, técnicas e comerciais em transmissão e geração de energia elétrica. A State Grid detém tecnologias não-convencionais de transmissão a longas distâncias, como a transmissão em Ultra Alta Tensão (UHV). A State Grid também foi convidada para ajudar no desenvolvimento do projeto de linha de transmissão que irá escoar a energia produzida pela hidrelétrica de Belo Monte, que será instalada no rio Xingu, no Pará. Em maio do ano passado, a empresa anunciou a entrada no mercado brasileiro com a compra de 3 mil quilômetros em linhas de transmissão por R\$3,1 bilhões. No final de 2010, a State Grid abriu um escritório no Rio de Janeiro para comandar a operação local.

OUTROS ANÚNCIOS REALIZADOS NO ÚLTIMO TRIMESTRE

EMPRESA CHINESA CHONG QING GRAIN ANUNCIA INVESTIMENTO DE 4 BILHÕES EM COMPLEXO INDUSTRIAL NA BAHIA

A empresa chinesa Chong Qing Grain Group anunciou a intenção de investir um total de R\$ 4 bilhões em um complexo industrial na região oeste da Bahia, composto por uma processadora de soja, uma indústria de fertilizantes e um sistema de armazenagem e logística de grãos, além de infraestrutura, com apoio e participação do governo da província de Chongqing. A primeira parte deste projeto contempla a implantação de uma indústria para processar soja e produzir óleo de soja. Com este objetivo, foi assinado protocolo de intenções, no dia 12 de abril, no valor de R\$ 300 milhões. As obras da primeira fase do projeto devem ter início a partir de maio. A planta será instalada em Barreiras, em uma área de 100 hectares, doada pela prefeitura do município, e terá capacidade para processar metade da produção de soja do Estado. Quando entrar em plena operação, a capacidade de esmagamento será de 1,5 milhão de toneladas, para uma safra de 3,1 milhões de toneladas na Bahia. Terá capacidade ainda para refinar 300 mil toneladas de óleo e armazenar 400 mil toneladas de soja. Com a indústria chinesa, o oeste da Bahia terá três fábricas de processamento de soja instaladas.

EMPRESA CHINESA HANGZHOU COGENERATION INAUGURA ESCRITÓRIO EM MINAS GERAIS

A Cogeneration do Brasil, que atua no setor de importação, exportação e distribuição de produtos siderúrgicos, inaugurou em maio deste ano um escritório em Belo Horizonte, para atuar no segmento de siderurgia, na exportação de matéria-prima e semi-acabados e importação de produtos acabados. A Hangzhou Cogeneration (CIEC) é uma das 18 subsidiárias da Hangzhou Steam Turbine & Power, uma das maiores empresas chinesas, focada nos setores da indústria pesada, estaleiro, energia, ferroviário e segmentos afins.

GUOSEN, UM DOS MAIORES FUNDOS DE GESTÃO DE RECURSOS FINANCEIROS DA CHINA, PRETENDE OPERAR NO RIO DE JANEIRO

O grupo Guosen Securities Asset Management, com sede em Hong Kong e um dos maiores fundos de gestão de recursos financeiros da China, mostrou intenção de operar no Rio de Janeiro. “O grupo vê no Brasil e no Rio, em particular, boas oportunidades principalmente no setor de infraestrutura de transporte, cujas obras demandam altos investimentos. Com a carteira que eles têm fica mais fácil levantar recursos no mercado internacional do que para empresas brasileiras” – explica Marcelo Haddad, Diretor Executivo da Rio Negócios. A Guosen pretende inovar na forma de se fazer transações financeiras, com a implementação de uma tecnologia de propriedade do grupo e ainda inédita no Rio que permite, através de aplicativos para *smart phones*, movimentações na bolsa pelo celular.

USIMINAS AUMENTA EXPORTAÇÕES DE PLACAS DE AÇO PARA A CHINA

A Usiminas vem tendo ativa participação nas exportações de placas de aço para a China. Em 2010, o volume superou 280.000 MT, representando faturamento acima de US\$ 115 milhões. O crescimento ficou acima de 90%, quando comparado ao ano de 2009, ano em que as exportações atingiram 145.000 MT. Em março passado, uma missão da Usiminas esteve na China com o fim de realizar reuniões com clientes relaminadores de placas – empresas responsáveis pela transformação de placas de aço em chapas e bobinas de aço – visando estreitar o relacionamento e incrementar o potencial de negócios.

EMBRAPA INAUGURA LABORATÓRIO NA CHINA

A Embrapa inaugurou em Pequim, seu quarto laboratório virtual no exterior que terá foco nas áreas de recursos e melhoramentos genéticos, biocombustíveis e agroenergia, processamento de alimentos, produção animal, agroecologia e pastagens. O representante do Labex China ficará sediado na Embaixada Brasileira em Pequim.

UPDATE INSTITUCIONAL

XXIII FÓRUM NACIONAL DO INSTITUTO NACIONAL DE ALTOS ESTUDOS EM 2011 DEBATE A COMPETIÇÃO ENTRE CHINA, ÍNDIA E BRASIL

O Presidente do Conselho Empresarial Brasil-China, Embaixador Sergio Amaral, foi o responsável pela abertura da Mesa Redonda “A Competição do Século: China, Índia e Brasil?”, realizada durante o XXIII Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos, no dia 16 de maio, no Rio de Janeiro. Participaram da discussão o ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, o Presidente da Siemens, o consultor editorial do CEBC, Antonio Barros de Castro, além do professor emérito da UFRJ e ex-presidente do BNDES, Cláudio Frischtak.

CEBC LANÇA EM SÃO PAULO PESQUISA SOBRE INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

O Conselho Empresarial Brasil-China lançou pesquisa sobre os investimentos chineses no Brasil no dia 27 de maio, em São Paulo. O lançamento aconteceu durante o seminário “Investimentos Chineses no Brasil e na América Latina” e contou também com a apresentação da pesquisa da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) sobre os investimentos chineses na região. O CEBC vem acompanhando desde 2010 o salto dos investimentos chineses no Brasil e se dedicou, nos últimos meses, à pesquisa sobre o tema. O estudo, que teve a coordenação de Antonio Barros de Castro, é o primeiro de uma série de publicações do programa de pesquisas desenvolvido pelo CEBC.

Para acessar a Pesquisa [clique aqui](#)

REUNIÃO DA SUBCOMISSÃO ECONÔMICO-COMERCIAL DA COSBAN DISCUTIU A DIVERSIFICAÇÃO DA PAUTA DO COMÉRCIO BILATERAL

No dia 16 de maio, foi realizado, em Brasília, o segundo encontro da Subcomissão Econômico-Comercial da Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Coordenação (COSBAN). A reunião foi presidida, do lado chinês, pelo Ministro do Comércio da China, Chen Deming, e do lado brasileiro, co-presidida pelo Ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, e pelo Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel. O Conselho Empresarial Brasil-China esteve representado nesta reunião pela Secretária Executiva, Julia Dias Leite, que acompanhou as discussões concentradas, especialmente, na diversificação da pauta de exportações entre os dois países, investimentos mútuos, questões sobre propriedade intelectual e harmonização de estatísticas sobre comércio.

UERJ ESTRUTURA NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE CHINA E ÍNDIA

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) criou, no último mês de abril, o Núcleo de Estudos de Estratégias de Desenvolvimento – Brasil, Índia e China (NED-BIC). O centro de pesquisas foi criado com o objetivo central de identificar, analisar e comparar as estratégias de desenvolvimento econômico adotadas por esses países, que concentram alto potencial de reconfiguração das relações político-econômicas nas próximas décadas. O núcleo focará o fomento a pesquisas voltadas para o tema, a realização de seminários, o desenvolvimento de pesquisas e o intercâmbio entre pesquisadores nacionais e estrangeiros. Para mais informações, envie um e-mail para nedbic@uerj.br ou telefone para (21) 2334-0441.

PROJETOS DA COPPE SÃO APRESENTADOS EM PAINEL SOBRE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO REALIZADO DURANTE MISSÃO PRESIDENCIAL NA CHINA

A COPPE anunciou, durante a visita presidencial, que está desenvolvendo uma parceria com a Universidade de Tingshua na China que prevê um novo processo de utilização de enzimas na produção de biodiesel. Outro projeto apresentado, na área de biocombustíveis, vem sendo desenvolvido no Brasil em parceria com o Instituto de Química da UFRJ. O estudo, que suscitou interesse dos chineses presentes ao evento, tem como objetivo produzir etanol a partir do bagaço de cana, possibilitando duplicar a produtividade do etanol sem que seja necessário aumentar a área plantada ou competir com a produção do açúcar ou qualquer outro alimento. Em 2009, a Coppe e a Universidade de Tsinghua criaram o Centro China-Brasil de Mudança Climática e Tecnologias Inovadoras para Energia.

MUDANÇAS EXPRESSIVAS NO PADRÃO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS ENTRE BRASIL E CHINA DEVERÃO ESTAR ATRELADAS AO CICLO DE INVESTIMENTOS

Por Fabiana D'Atri e Octavio de Barros, Bradesco

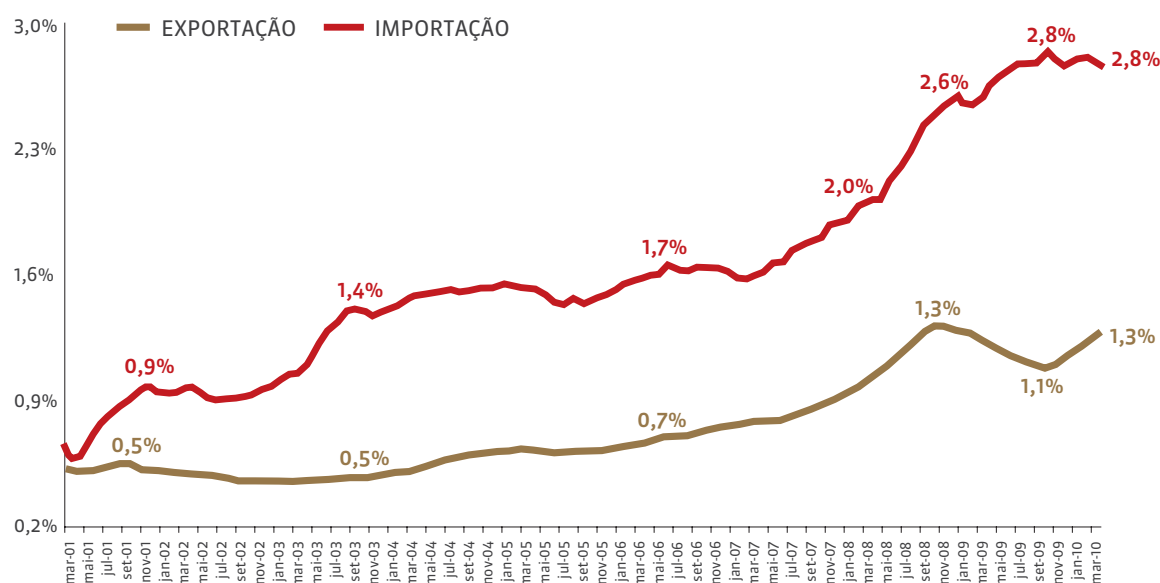
É notável e conhecido o crescimento das relações comerciais entre o Brasil e a China bem como sua estrutura concentrada em poucos produtos. A corrente de comércio, somando exportações e importações, mostrou expansão expressiva nos últimos anos e que continuamos vendendo *commodities* e comprando produtos manufaturados, especialmente máquinas e equipamentos. No ano passado, encerramos com US\$ 56,3 bilhões transacionados entre as duas economias, chegando a um saldo positivo para o Brasil levemente superior a US\$ 5 bilhões, segundo estatísticas brasileiras do MDIC. A China segue como o principal parceiro comercial do Brasil, respondendo por 13,7% das vendas brasileiras e 15% das compras do país neste primeiro trimestre deste ano. Neste período de 2011, a corrente de comércio chegou a quase US\$ 15 bilhões, ao passo que registramos discreto déficit de US\$ 49,6 milhões com a China. Enquanto nossas vendas de minério de ferro, soja, petróleo responderam por 83% das exportações totais do Brasil para a China, pouco mais da metade das nossas compras originárias da China se concentrou em máquinas e equipamentos, em geral, de janeiro a março deste ano.

Em geral e naturalmente, focamos nossas atenções sob a perspectiva brasileira, mas julgamos válido fazer o exercício inverso. Analisando o que o Brasil representa para a China, somos o 8º. maior vendedor de produtos para a China, respondendo por 2,7% das suas importações em 2010. Do lado das exportações chinesas, o Brasil assume a posição de 15º. destino das vendas chinesas no mundo, com participação de 1,6% do total.

Ao contrário do que muitos pensam, as importações chinesas concentraram-se em máquinas, sendo que as compras de *commodities* chegam a cerca de 30% do total, concentradas em combustível e em minerais, sendo que as importações de alimentos, por enquanto, ainda são pequenas. Conforme revelado na tabela abaixo, o Brasil assume papel relevante no abastecimento chinês de produtos. Neste contexto, a posição assumida pelo Brasil como fornecedor seguro e estável de alimentos e energia é muito relevante para a estratégia chinesa de crescimento: migrando para uma economia mais voltada ao consumo, impulsionado pela ampliação da renda das famílias, mas com um motor muito dinâmi-

PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO TOTAL DE IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÕES CHINESAS –2001- 2011

Fonte: CEIC. Elaboração: Bradesco.



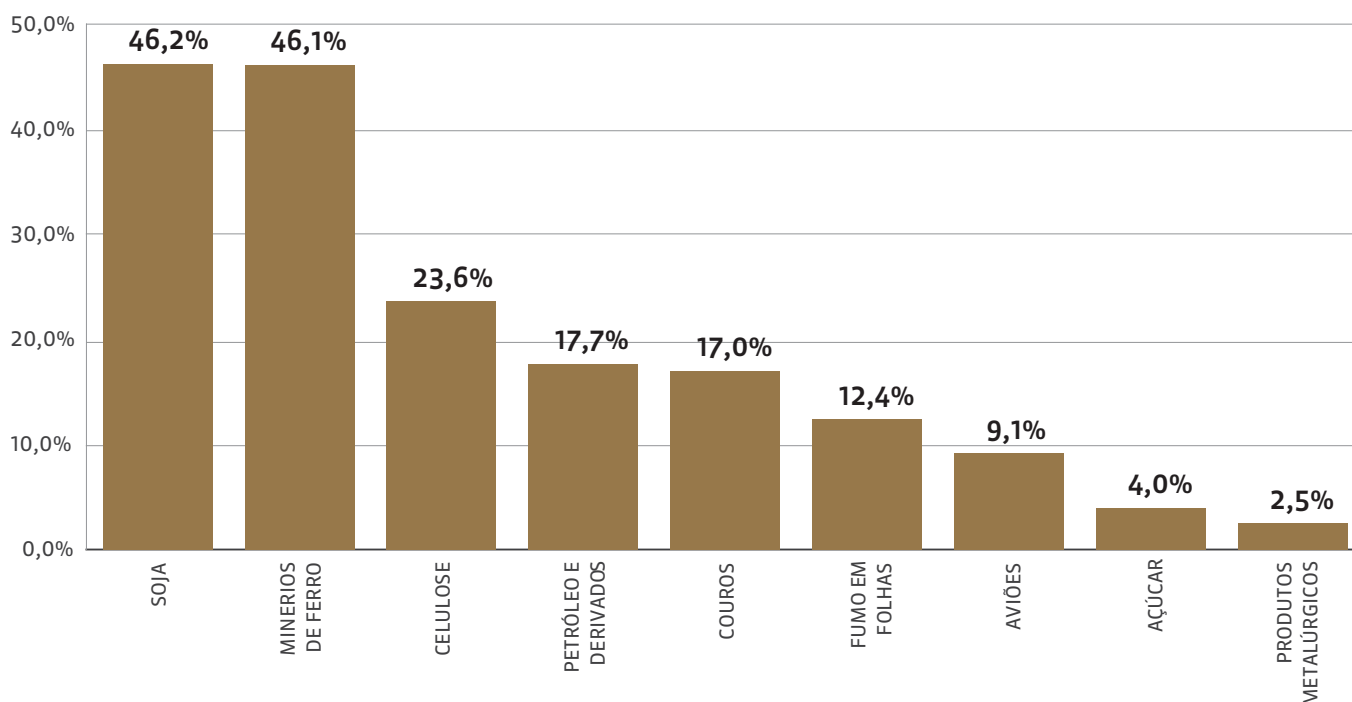
IMPORTAÇÕES TOTAIS CHINESES - ACUMULADO DE ABRIL DE 2010 A MARÇO DE 2011

Fonte: CEIC (Ministério de Comércio exterior da China). Elaboração: Bradesco.

	IMPORTAÇÕES ACUMULADAS NOS ÚLTIMOS 12 MESES (US\$ MILHÕES)	PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA SOBRE O TOTAL IMPORTADO CHINÊS	PESO SOBRE O TOTAL IMPORTADO
Máquinas e equipamentos	513.221,66	0,1%	34,4%
Petróleo e combustíveis	204.543,74	2,2%	13,7%
Produtos minerais ex-combustível	127.397,21	17,5%	8,5%
Metais básicos	106.831,82	1,0%	7,2%
Produtos químicos	98.832,47	0,3%	6,6%
Equipamentos ópticos e fotográficos	95.876,47	0,0%	6,4%
Plásticos	84.633,13	0,2%	5,7%
Veículos e aeronaves	70.040,09	0,7%	4,7%
Produtos vegetais	34.818,36	23,0%	2,3%
Tecidos e artigos têxteis	31.947,43	0,6%	2,1%
Outras commodities	27.220,20	0,0%	1,8%
Celulose	21.577,59	8,1%	1,4%
Madeira e artigos de madeira	12.316,43	0,6%	0,8%
Pérolas e pedras preciosas	12.118,27	0,3%	0,8%
Produtos animais	10.115,33	7,1%	0,7%
Gorduras animais e vegetais	9.370,14	9,4%	0,6%
Outros	31.859,38		1,8%
Importações totais chinesas	1.492.719,71		

PARTICIPAÇÃO DA CHINA NAS PRINCIPAIS COMMODITIES DA PAUTA DE EXPORTAÇÃO BRASILEIRA EM 2010

Fonte: MDIC. Elaboração: Bradesco.



Já do lado das exportações chinesas, não temos muitas novidades: o Brasil segue como mais um destino de produtos manufaturados chineses, cuja tendência clara é de migração de bens de baixa para alta tecnologia. A indústria chinesa – favorecida (i) pela mão-de-obra mais barata, a despeito dos custos avassaladores crescentes, (ii) pelo câmbio mantido artificialmente depreciado, apesar da apreciação recente que deverá se perpetuar nos próximos anos e (iii) pela infraestrutura mais eficiente – continuará afetando diretamente a indústria mundial, não somente a brasileira. Aí reside o grande desafio, cuja saída poderá se dar através do intercâmbio tecnológico e acordos atrelados à ampliação de investimentos chineses, que poderão transferir sua produção para o território brasileiro.

Por fim, tão importante quanto os ganhos decorrentes das relações comerciais entre os dois países, são as perspectivas muito favoráveis dos investimentos chineses, tanto na forma de inversões diretas – já notadas desde o ano passado – como também na forma de capital. Por ora, nossas apostas de mudanças mais expressivas deverão ser observadas no influxo de capital chinês, nos próximos anos, que devem atingir magnitudes nunca antes imaginadas; do lado das relações comerciais, fica difícil vislumbrar uma alteração da pauta a favor da exportação brasileira de commodities e importadora de manufaturados.

NEGÓCIOS E LEGISLAÇÃO

CRESCIMENTO DE FUSÕES E AQUISIÇÕES É TENDÊNCIA ENTRE EMPRESAS BRASILEIRAS E CHINESAS

Por PwC China e PwC Brasil

O nível global de fusões e aquisições ("M&A", na sigla em Inglês) na China atingiu um recorde em 2010, com mais de 4.200 transações avaliadas em conjunto em um valor superior a US\$ 200 bilhões. Isto representa um aumento de 16% no número de negócios e de 27% no valor das transações, em comparação com 2009. O ritmo consistente de crescimento econômico na China e as significativas oportunidades de crescimento inorgânico a partir da consolidação de indústrias são alguns dos importantes fatores por trás desta crescente tendência de aumento das operações de M&A.

A tendência é clara no sentido da realização de M&A de empresas chinesas em outros países do mundo – os negócios realizados no exterior cresceram mais de 30%, atingindo um nível recorde de 188 transações, que totalizaram um valor de cerca de US\$ 38 bilhões, em 2010, contra 144 negócios a um montante de US\$ 30 bilhões em 2009. De fato, é inegável o crescente interesse da China em ativos no exterior e, apesar de um trimestre final relativamente mais lento em relação às atividades externas, não existem sinais de declínio para 2011 ou além.

A sua vez, o Brasil também apresentou um recorde de 800 negócios anunciados em 2010, o que representou um aumento de cerca de 20% sobre 2009. Esta expansão do mercado de M&A é uma evidência não só da recuperação do Brasil da recessão global, mas também da sua força subjacente. Enquanto o posicionamento do mercado internacio-

nal com relação à recuperação de M&A neste ano tem oscilado entre o otimismo e o ceticismo, no Brasil, há uma dinâmica positiva face ao que parece ser uma atividade sustentada. Assim, investimentos estratégicos e financeiros *Private Equity* atingiram níveis históricos, apoiados por um sólido cenário macroeconômico. A confiança, um fator-chave para a realização de M&A, tem sido fomentada por baixas taxas de desemprego, maior acesso a crédito e o surgimento de 40 milhões de novos consumidores.

No que tange à relação bilateral, investimentos expressivos têm vindo da China, mas os investimentos brasileiros em seu parceiro asiático têm ocorrido com certa timidez. Com efeito, os investimentos chineses no Brasil têm experimentado um salto significativo, atingindo quase US\$13 bilhões em 2010 (valor total das transações confirmadas). Uma parcela importante dos investimentos anunciados é composta de M&A crescentes entre empresas brasileiras e chinesas (83.3% dos investimentos foram realizados através de M&A). São exemplos desta tendência os casos da estatal chinesa Sinopec, que adquiriu 40% do controle da Repsol Brasil pelo valor de US\$7.1 bilhões, e o da State Grid, empresa chinesa do setor energético que, em 2010, investiu US\$989 milhões na importante aquisição de 7 concessionárias elétricas no Brasil.

MUDANÇAS NO IOF PODEM IMPACTAR OBTENÇÃO DE FUNDOS PARA FINANCIAMENTO DE EMPRESAS BRASILEIRAS E CHINESAS INSTALADAS NO BRASIL

Por PwC Brasil

Durante os últimos meses, o governo brasileiro vem fazendo uma série de alterações na legislação sobre o Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), com impacto direto no custo de obtenção de fundos através de empréstimos do exterior. Considerando a crescente demanda de entidades brasileiras e chinesas estabelecidas no Brasil pela obtenção de fundos para financiamento de suas atividades, muitas vezes com suas matrizes no exterior, a compreensão das mudanças que afetam esse tipo de financiamento é absolutamente essencial.

Em abril de 2011, a alíquota do IOF que incide sobre as operações de empréstimo externo foi alterada, com o objetivo de conter a especulação de curto prazo no Brasil e a depreciação do Dólar Americano contra o Real. A alíquota aplicável do IOF sobre operações de câmbio (ingresso de recursos no país) aumentou de 0% a 6%. Entretanto, os acordos de empréstimo com maior prazo de pagamento (mais de 720 dias) ou contratados antes de abril de 2011 continuam sujeitos ao IOF com alíquota de 0%. O mesmo decreto que estabelece o aumento na alíquota do IOF de 6% também se aplica a empréstimos com um prazo

médio de pagamento superior a 720 dias, mas que serão liquidados (parcial ou totalmente) no prazo de 720 dias. Deve-se notar que, antes dessa mudança, apenas acordos de empréstimo com um prazo médio de pagamento de até 90 dias estavam sujeitos ao IOF com alíquota de 5,38%. Devido às constantes mudanças na legislação, as taxas aplicáveis devem ser revistas, toda vez que qualquer operação de câmbio esteja prestes a acontecer.

Adicionalmente, as empresas brasileiras e chinesas instaladas no Brasil possuem agora regras mais claras para calcular os limites de dedutibilidade dos juros pagos a vinculadas localizadas no exterior. Em março de 2011, a Receita Federal brasileira publicou a Instrução Normativa 1.154/11, que disciplinou as regras de subcapitalização no País. Tais regras haviam sido introduzidas em junho de 2010, mas até a publicação da IN 1.154/11, a falta de regras claras de aplicação criava uma atmosfera de insegurança jurídica no mercado.

RADAR

LIVROS

CEBC RECOMENDA: "FOREIGN DIRECT INVESTMENT, CHINA AND THE WORLD ECONOMY"



A entrada dos investimentos chineses no Brasil em 2010 é um dos assuntos de maior repercussão atualmente no relacionamento bilateral. Nesse sentido, o livro recomendado é leitura obrigatória. Peter Buckley, Professor da Universidade de Leeds, reúne nessa obra o que há de mais fundamental em investimentos da China no mundo e investimentos estrangeiros na China. O livro, que reúne os principais artigos publicados pelo Professor de 2005 a 2008, é dividido em quatro seções: referencial teórico, a China como investidora,

investimentos estrangeiros diretos na China e investimentos estrangeiros & política.

Algumas das principais contribuições do livro para o debate sobre os investimentos são a apresentação de uma tipologia para a entrada de investimentos chineses no mundo e os aspectos específicos à entrada de investidores estrangeiros no mercado chinês. O livro também traz e uma recapitulação histórica das fases da configuração da China como investidor no mundo.

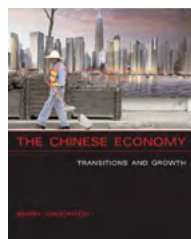
[Clique aqui](#) para obter mais informações sobre o Professor Peter Buckley e suas linhas de pesquisa no Centro de Negócios Internacionais da Universidade de Leeds.

BUCKLEY, Peter. J. *Foreign Direct Investment, China and the World Economy*. Palgrave Macmillan, 2010.

Para mais informações, entre em contato com a equipe de análise do CEBC: analise@cebc.org.br

ESPECIALISTA RECOMENDA: "THE CHINESE ECONOMY IN TRANSITION"

POR ISABELA NOGUEIRA*



Para aqueles interessados em uma visão abrangente e, ao mesmo tempo, não reducionista do desenvolvimento recente chinês, o livro de Barry Naughton é uma introdução valiosa. Idealizado na forma de um livro-texto para ser utilizado nos cursos sobre economia chinesa nas universidades, *The Chinese Economy in Transition* abarca desde o legado maóista até macroeconomia e finanças hoje, passando pelas transformações estruturais na

agricultura e indústria e pela inserção chinesa no comércio exterior. Cada capítulo é seguido de uma lista de recomendações bibliográficas que ajudam a nortear os estudos mais aprofundados. A edição, entretanto, é de 2007 e merece uma atualização.

A dica quente (dado que pouca gente sabe) é que a página do livro no website do autor traz, para a maior parte dos capítulos, os arquivos originais (e atualizados), em Excel, com os dados utilizados nos gráficos. Para acessar [clique aqui](#).

NAUGHTON, Barry. *The Chinese Economy in Transition*. MIT Press Book, 2007.

* *Isabela Nogueira de Moraes* é especialista em china, doutora em economia pela UFRJ e professora de China no Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (em licença); atualmente é professora visitante da Aalto University, em Helsinki.

ESTUDOS E PESQUISAS

Em maio de 2011, a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL) da ONU lançou o relatório "*O Investimento Estrangeiro Direto na América Latina e no Caribe 2010*", que detalha as correntes de Investimento Estrangeiro Direto (IED) recebidas por cada país da região, em 2010, e apresenta projeções para 2011.

Em abril de 2011, a professora de Relações Internacionais da PUC-Rio e atual professora visitante da Aalto University (Helsinki), Isabela Nogueira de Moraes, defendeu sua tese de doutorado em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro: "*Desenvolvimento econômico, distribuição de renda e pobreza na China contemporânea*", que discute a transformação do quadro social da China contemporânea à luz das mudanças na sua estrutura econômica.

Em abril de 2011, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) lançou pesquisa sobre os investimentos chineses no Brasil "*As Relações Bilaterais Brasil-China: a ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil*", com foco nos desafios que o Brasil enfrentará com a ampliação de suas relações comerciais, financeiras e produtivas com a China.

Em fevereiro de 2011, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) lançou o estudo "*Sondagem Especial*", que aborda as relações comerciais Brasil-China e foi elaborado a partir de um questionário respondido por 1.529 empresas.

FEIRAS

SETEMBRO

10ª CIEME CHINA INTERNATIONAL EQUIPMENT MANUFACTURING EXPOSITION (NATIONAL ENERGY TECHNOLOGY & EQUIPMENT EXPO)

1 a 5 de setembro/ Shenyang/ China

Capital da Província de Liaoning, a cidade de Shenyang é um dos principais centros manufatureiros do Nordeste da China e tem demonstrado interesse em aprofundar os contatos com o Brasil. A feira é uma das principais na área manufatureira. Shenyang responde por um terço da produção nacional de máquinas pesadas.

15ª CIFIT CHINA INTERNATIONAL FAIR OF INVESTMENT AND TRADE

8 a 11 de setembro/ Xiamen/ China

Para entrar em contato com o Setor Comercial da Embaixada do Brasil na China, envie email para: secom.pequim@itamaraty.gov.br.

CHINA-BRAZIL UPDATE

é uma publicação trimestral da Secretaria Executiva do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC), disponível em três idiomas: Português, Inglês e Mandarim.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DO CEBC

Carta Brasil-China é uma publicação trimestral que reúne análises e reflexões acerca dos principais tópicos da agenda bilateral.

Notícias do CEBC é uma publicação trimestral que tem o objetivo de informar sobre as atividades e projetos desenvolvidos pela Secretaria Executiva do CEBC.

A Pesquisa sobre os investimentos chineses no Brasil analisa o salto destes investimentos em 2010 e parte de 2011.

SECRETARIA EXECUTIVA DA SEÇÃO BRASILEIRA DO CEBC

Julia Dias Leite Secretária Executiva
Carla Duarte Coordenadora Institucional
Edison Renato da Silva Coordenador de Análise
André Soares Analista Internacional
Giselle Vasconcellos Analista Institucional
Ana Luiza Goulart Estagiária
Patrick Azevedo Estagiário

CONSULTOR EDITORIAL

Antonio Barros de Castro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Claudia Trevisan, O Estado de S. Paulo
Fabiana D'Atri, Bradesco
Isabela Nogueira
Liu Tong, Agência de Notícias Xinhua
Octavio de Brarros, Bradesco

EMPRESAS, ÓRGÃOS DE GOVERNO E INSTITUIÇÕES

Apex-Brasil
BNDES
O Estado de S. Paulo
CNI
COPPE
Embaixada da China no Brasil
FIESC
Governo da Bahia
Governo de Minas Gerais
Investe SP
MDIC
PwC
Rio Negócios
Seção Chinesa do CEBC
UERJ

6D Projeto gráfico
Presto Design Diagramação

Tradução

Inglês: John Fitzpatrick
Mandarim: Jwo Yunn Lin

Foto capa

Roberto Stuckert Filho/PR

Para enviar contribuições de conteúdo, críticas ou sugestões, entre em contato com a Secretaria Executiva do CEBC:
cebc@cebc.org.br / +55 21 3212-4350
www.cebc.org.br

QUEM SOMOS

O Conselho Empresarial Brasil-China é formado por duas seções independentes, uma no Brasil, outra na China. Dedica-se à promoção do intercâmbio econômico Brasil-China e, sobretudo, a fomentar o diálogo entre empresas dos dois países. O CEBC propõe-se a contribuir para um bom ambiente de comércio e investimentos para as empresas dos dois países, assim como entender e divulgar as novas tendências observadas no dinâmico relacionamento Brasil-China. Para tanto, pretende estreitar seu relacionamento com as empresas e instituições que o integram, contando com elas como fontes de informações e sugestões para o entendimento do novo quadro de relações Brasil-China. Atualmente, o CEBC é composto por cerca de setenta das mais importantes empresas e instituições brasileiras e chinesas com investimentos e negócios nos dois países.

ASSOCIADOS SEÇÃO BRASILEIRA

Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) / Algar / Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (ABIEC) / Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE) / Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (ABDIB) / Banco do Brasil / BNDES / Bradesco / BRF-Brasilfoods / CEBRI / Chery do Brasil / China Invest / Columbia Trading / Comexport / Construtora Odebrecht / Embraer / Ernst & Young / FAAP / Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso (FIEMT) / Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (FIEMG) / Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN) / Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC) / Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) / Felsberg e Associados / Grupo Multi / GDK AS / Huawei / Instituto Aço Brasil-IABr / Itaú BBA / Machado Meyer Sendacz Opice / PwC / Sertrading / Suzano Papel e Celulose / Standard Bank / Steinweg Brasil / TozziniFreire Advogados / Usiminas / Vale / Veirano Advogados.

DIRETORIA DO CEBC

DIRETOR PRESIDENTE

EMBAIXADOR SERGIO AMARAL

Ex-Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e Sócio de Felsberg & Associados

DIRETOR VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO

Fábio Spina

Consultor Geral e Relações Institucionais da Vale

DIRETORES

Alfredo de Goeye

Presidente da Sertrading

Alexandre Yambanis

Diretor Executivo da Unidade de Negócios Celulose da Suzano

Fernando Alves

Presidente da PwC

Horacio Aragonés Forjaz

Vice-Presidente Executivo de Assuntos Corporativos da Embraer

Mauri Seiji Ono

Diretor Corporativo de Estratégia da Algar S.A

Antonio Augusto de Toni

Vice-Presidente da BRF-Brasilfoods

Roberto Milani

Vice-Presidente da Comexport

Pedro Freitas

Sócio do Veirano Advogados

PATROCINADORES:

